

## Após o massacre de Realengo

Raymundo de Lima\*

Os primeiros massacres em escolas pareciam sintomas do mal-estar da cultura anglo-saxônica: Estados Unidos, Escócia, Alemanha. Esta hipótese foi descartada depois que ocorreu em Israel, Rússia, Argentina, um país da África, e até na China. Na Rússia, em Beslan, terroristas tchetchenos assassinaram 386 pessoas dentro de uma escola, a maioria crianças, e 700 feridos; é considerado o maior número de vítimas fatais ocorrido numa escola. Os massacres ocorridos na China foram usados facões contra crianças, talvez porque neste país é difícil o acesso à armas de fogo.

Os massacres em escolas e universidades vem ocorrendo em períodos cada vez mais curtos e em qualquer parte do mundo. Deveriam ser obra de psicopatas, sociopatas ou psicóticos, agindo a esmo, sem motivo e sem sentido. Até que alguém levantou a hipótese de este tipo de crime ser reação às humilhações e intimidações (bullying). Como aprendemos em Metodologia Científica, hipótese é uma afirmação provisória para ser investigada com os critérios da ciência. Uma hipótese pode ou não ser comprovada durante as investigações posteriores.

O sociólogo alemão Robert Kurz denominou tal ato criminoso de "amok": vem de *Amok*, palavra de origem malaia, significa raiva cega; é empregada pela psiquiatria para designar o ser humano tomado por fúria cega que saem matando pessoas e animais, aparentemente sem motivo e, na maioria dos casos, suicidam-se no final.

Em verdade, o amok não apresenta sintomas de psicose (loucura), nem antecedente criminal, mas sua personalidade parece ser resultado de

ressentimentos acumulados, raciocínio vingativo generalizado e disposição para treinamento com armas de fogo visando eliminar maior número de pessoas. A hipótese de reação ao *bullying* não explica porque os 99,9% dos que sofreram este tipo de violência não saem por aí matando pessoas e animais.

Também dizer que o criminoso *amok* é psicopata indica desconhecer o que é psicopatia, sociopatia e o próprio perfil *amok* (ver abaixo). O massacre *amok* é um ato louco, sim, mas seus assassinos não são necessariamente psicopatas/sociopatas ou psicóticos, como parece indicar a conduta do responsável pelo ataque à escola do Realengo, ocorrido em 07/04/2011. O



bilhete suicida escrito pelo assassino levanta a hipótese de transtorno de personalidade com fanatismo religioso, próximo do estilo dos terroristas fundamentalistas que lutam por causas delirantes ou políticas.

Fanáticos quando lutam por uma causa mística ou política atuam num 'vale tudo' de culto à morte, ou melhor, ao *mais-morte*. Ou seja, parece existir no criminoso *amok* e no terrorista uma competição dirigido também pela vaidade (COUTINHO, 2011), para conquistar um troféu imaginário tanto pelo maior número de mortes que causou como pelo número de vezes que ele será visto na televisão e na internet. Portanto, é preciso estudar a nova forma de expressão do fanatismo pós-moderno, porque a atuação teatral espetacular e narcisista é dirigida pela frieza ou insensibilidade para com as vítimas. No caso do crime *amok*, é possível identificar um "terrorismo em causa própria" (BUCCI, 2011); no fundo existe uma demanda narcísica patológica de espetacularizar e eternizar o sofrimento psíquico próprio, como também das vítimas que ele considera culpadas.

### Perfil do assassino *amok*

Os estudiosos hoje trabalham com um perfil do criminoso *amok*: 61% ocorre por vingança (bullying), 61% são depressivos reativos, 83% sofrem dificuldade para lidar com perdas, 93% demonstram comportamento estranho, 95% dos ataques são planejados com armas de fogo adquiridos de parentes ou conhecidos.

Qualquer lugar onde há facilidade de conseguir armas, eleva a probabilidade de ocorrência de atos deste tipo. Os crimes *amoks* indicam que:

a) Todos os assassinos eram homens;

b) Personalidade esquizo, calados, ressentidos, fora do controle da família;

c) Viciados em jogos e filmes violentos;

d) Sabiam manejar as armas como se fossem profissionais;

e) Antes, não apresentam qualquer sinal de comportamento desviante ou histórico de delinquência, mas tinham histórico familiar complicado;

f) Escolheram uma escola, universidade ou shopping, ou seja, os massacres são planejados para serem públicos: "não se trata de alvejar os passantes a partir de uma janela escondida [como ocorre com o franco atirador]: a matança é teatral" (CALLIGARIS, 2009).

### Alerta ou prevenção?

O massacre da escola de Realengo pode ter aberto a caixa de Pandora, isto é, pode acontecer novamente em escolas e universidades do território brasileiro. Portanto, não é exagero se secretarias de educação elaborassem manuais e até treinos de sobrevivência para professores, alunos e funcionários, como já acontece em algumas partes do planeta. É preciso considerar que o treino militar "preventivo" contra atos *amoks* e o terrorismo é obrigatório nas escolas e universidades da China, Cuba, Coréia do Norte e Israel.

Também os professores precisam cobrar das autoridades apoio psicológico para alunos, professores e funcionários que sofrem com a violência real ou imaginada, fobia escolar e depressão. Professores e funcionários com transtornos psíquicos costumam pedir licença ou entram na condição de

readaptados; ambos são procedimentos insuficientes se o sofrimento não for monitorado para frequentar sessões de psicoterapia. Muitas vezes este tipo de transtorno recebe o estigma dos colegas da escola/universidade como "falta de comprometimento", "absenteísmo" e "falta interesse". Ou seja, também é necessário trabalhar a cultura escolar/universitária que ainda ignora ou resiste saber sobre o crescente número de professores sofrendos psíquicos.

### **Após o massacre**

No Brasil é sempre assim: passado a comoção nacional de um acontecimento trágico (massacre, enchente, acidente), vem o esquecimento, a falta de medidas preventivas e o afastamento das autoridades. (No momento em que escrevo, ouço na rádio que professores e pais de alunos da escola Tasso da Silveira/Realengo estão se organizando para fazer um protesto pelo descaso das autoridades do Rio de Janeiro, para com a segurança na escola e para dar continuidade no tratamento psicológico das vítimas do massacre).

Assim, o sobrevivente de violência humana extrema ou de catástrofes da natureza, quando são dotados de resiliência conseguem retornar à reconstrução de sua existência e tocar a vida. Outros, porém, passam a conviver com angústia em excesso, medo difuso, paranóia, principalmente no ambiente gerador do trauma.

Conheço professores que minimizam o massacre na escola de Realengo, como se fosse apenas um "caso isolado", "coisa de esquizofrênico", ou se dizem "acostumadas" com a violência na cidade e nas escolas do Rio de Janeiro. Não quero criticar o uso de tal mecanismo de defesa psíquico que tende ao escapismo ou fuga da realidade

destas pessoas, mas sim, me pergunto sobre as consequências da falta de consciência preventiva (alienação?) para esse novo tipo de crime 'amok'.

Então, é preciso perguntar hoje: por que ainda não "caiu a ficha" dos professores, sobretudo dos professores-pesquisadores, para debater e pesquisar sobre a violência na escola? Por que profissionais supostamente tão esclarecidos insistem ignorar esta pauta de investigação e debate? Seriam professores ou professoras que perderam a ternura e a crença na escola transformadora da realidade? Por que algumas denegam o ocorrido em Realengo, preferindo usar respostas prontas e previsíveis para assunto tão complexo?

### **A imprensa e a violência na escola**

Embora criticada pelo estilo sensacionalista e análises rasas, ainda bem que a imprensa noticia, convoca especialistas para analisar, promove debates, enfim, faz o seu papel. Infelizmente a mesma mídia que discursa a favor da paz nas horas de tragédia reforça a cultura da violência na sua programação. Até mesmo um facinora como Osama Bin Laden ou um criminoso comum como foi Leonardo Pareja, a imprensa "sem querer" passa a mensagem subliminar de serem "os caras": um, porque enfrentou o poderio bélico norte-americano e denunciou a decadência da cultura cristã ocidental, outro, porque enfrentou a banda podre da polícia; o Pareja foi até considerado como intelectual das prisões.

Voltando à violência na escola, inúmeras reportagens espalhadas pelo Brasil dizem que diretores de escolas e universidades contratam guardas particulares desarmados, outras implantam ou modernizam os sistemas de segurança existentes. A vigilância

eletrônica entra nas escolas como se fosse um big brother do espaço educativo. Os pais fazem pacto com a direção da escola no sentido de brindar a escola do mal social.

Existe algo de ilusório nesta parceria pela segurança do mundo escolar, porque a filmagem da escola Tasso da Silveira não impediu o massacre. Ou seja, ainda que a filmagem coíba alunos de fumarem maconha no banheiro, praticar *bullying*, evitar que ladrões roubem aparelhos dos estabelecimentos, impedir estupros e sequestros relâmpagos (como vem acontecendo na USP), não impede de ocorrer o crime *amok*. Para este tipo de crime há que investigar e debater outras formas de prevenção. Ou melhor, cabe a escola e principalmente a universidade investigar sistematicamente as causas deste tipo de violência. Não existe nenhuma pesquisa em andamento sobre o crime *amok* em universidades brasileiras.

Emergencialmente, os gestores das escolas precisam rever os pontos cegos do ensino, bem como o tipo de relacionamento entre professor-aluno, aluno-aluno, escola-comunidade. É preciso desenvolver programas preventivos que promovam a paz. Enfim, a escola e a universidade precisam desenvolver uma cultura de paz, que deveria constituir numa formação extra, para além da formação convencional de conhecimentos sistemáticos. Seria uma formação pró sabedoria.

Finalmente, sobre o comportamento da imprensa frente ao massacre 'amok', distingo três tendências:

**A) Emotiva, apelativa, tagarelista.** Faz confusão nas pseudo-análises entre massacre *amok* com *serial killer*,

deprecação, *bullying*, psicopatia, psicose, etc. Como solução, costumam apresentar o desarmamento geral ou transformar a escola num bunker, seguindo a tendência dos condomínios fechados, carros de vidro fumê, guarita com guardas, câmeras espalhadas, etc.

**B) Tendência sociologizante 'bombril'.** Apresenta como causa "única" da violência nas escolas o sistema político-econômico (globalização, neoliberalismo) e os sintomas vida pós-moderna. Trata-se de uma explicação generalista, que tende não criminalizar os atos violentos, compreendidos como uma reação legítima à violência do sistema.

**C) Tendência 'psi'.** A causa da violência nas escolas seria reação desproporcional à humilhação acumulada (*bullying*) e mal processada por estruturas patológicas predispostas à explosão. Haveria um perfil do criminoso *amok*, ainda em estudo mais no campo da psiquiatria do que no campo da psicologia.

Nas três tendências, está faltando humildade epistêmica, diálogo multidisciplinar ou perspectiva interdisciplinar, e bom senso. Em algumas análises – ou pseudo-análises – nos dá a sensação de que o autor usou um olho só, ou uma única linha estreita de pensamento (reducionismo), seguindo um determinado paradigma. Parece que até mesmo as ciências humanas e sociais precisam de se reinventarem para dar conta de objetos de pesquisa tão complexos, emergentes e desafiadores da época contemporânea.

### Referências

AQUINO, J.G. Escola de segurança máxima? Entrevista concedida à Christian Carvalho Cruz. **O Estado de S. Paulo**, 10/04/2011. Disponível em:

[http://www.estadao.com.br/noticias/suplemento\\_s.escola-de-seguranca-maxima,704293,0.htm](http://www.estadao.com.br/noticias/suplemento_s.escola-de-seguranca-maxima,704293,0.htm)

BUCCI, E. Deixar a vida para entrar no espetáculo. **Folha de S. Paulo**, 09 de abril de 2011.

CALLIGARIS, C. Coisa de homens. **Folha de São Paulo**, 19 de março de 2009.

CALLIGARIS, C. Realengo. **Folha de S. Paulo**, 14 de abril de 2011.

COUTINHO, J. Terrorismo é vaidade. **Folha de S. Paulo**, 10/05/2011.

KURZ, R. A ignorância da sociedade do conhecimento. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais, p. 14-15, 13 de janeiro de 2002

LIMA, R. **Massacre nas escolas**. Disponível em:

<http://www.espacoacademico.com.br/arquivo/lima.htm>

LIMA, R. Após o massacre. **O Diário do Norte do Paraná** (07/05/2011). Disponível em:

<http://www.odiario.com/opiniao/noticia/415199/apos-o-massacre/>

RIBEIRO, J. U. O culpado é ele mesmo. **Estado de S. Paulo**, em 17/04/11.



\* **RAYMUNDO DE LIMA** é Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e Professor do Departamento de Fundamentos da Educação na Universidade Estadual de Maringá (DTP/UEM).